



## CAPÍTULO 10

# Indicação Geográfica do Guaraná de Maués (AM): Impactos Produtivos, Econômicos e Territoriais no Principal Polo Produtor do Brasil

Valdir Silva da Conceição, Jaqueline Santos Vieira, David Vieira dos Santos,  
Angela Machado Rocha, Marcelo Santana Silva

## RESUMO

O guaraná é um produto originário da Amazônia, com relevância econômica, cultural e medicinal. O município de Maués (AM), reconhecido em 2018 com a Indicação Geográfica (IG), destaca-se como principal referência nacional na produção de guaraná. O presente estudo teve como objetivo analisar os impactos da IG sobre os aspectos produtivos e econômicos do município no período de 2010 a 2024. A metodologia caracterizou-se como descritiva e exploratória, com abordagem qualitativa, utilizando revisão bibliográfica, documental e dados secundários da EMBRAPA, IBGE e INPI. Os resultados demonstraram que a IG não aumentou imediatamente a produtividade ou a área cultivada, mas promoveu significativa valorização econômica do produto. Maués consolidou-se como principal polo econômico do guaraná brasileiro, apresentando aumento do valor da produção e do preço médio. Conclui-se que a IG fortaleceu a identidade territorial, agregou valor ao produto e contribuiu para o desenvolvimento regional sustentável da Amazônia.

Palavras-chave: Amazônia. Desenvolvimento Territorial. Inovação.

## Introdução

O Brasil é um dos maiores produtores de frutas do mundo, e cada produto apresenta características e qualidades diferenciadas em função de seu local de produção, seja em território nacional ou em outros países. Essa condição é influenciada por fatores naturais,

como solo, relevo, clima, umidade, temperatura e altitude, bem como por fatores humanos, como o saber-fazer, o manejo da cultura, entre outros (Retamales, 2011; Leite, 2025; Alves; Carioca, 2026).

A diferenciação de produtos geralmente torna-se uma vantagem competitiva no mundo globalizado, criando, em alguns casos, nichos de mercado decorrentes dessa condição. Constitui, também, um mecanismo que facilita a penetração em mercados exigentes, principalmente no que se refere à qualidade, ao manuseio, à procedência, à durabilidade, à sustentabilidade, à forma de uso da mão de obra e ao respeito ao meio ambiente (Matraves et al., 2005; Maiorki; Dallabrida, 2015; Vieira; Pellin, 2015).

Existem diversos produtos que são reconhecidos por sua origem geográfica, como o champagne, vinho espumante produzido na região de mesmo nome, localizado na França. No Brasil, destaca-se a cachaça, produto genuinamente brasileiro protegido por meio de legislação federal (da Conceição et al., 2023; Januário et al., 2025).

Há diversas formas de proteger um produto e proporcionar a sua inserção em mercados exigentes, sendo uma delas a Indicação Geográfica (IG), que possui, entre seus atributos, a capacidade de tornar o produto um diferencial competitivo.

A IG diz respeito às características únicas de um processo produtivo, como o método de produção, as técnicas do cultivo e manejo, o saber-fazer e a notoriedade do produto ou serviço. É definida como um sinal distintivo utilizado em produtos ou serviços que possuem origem geográfica, além de reputação, qualidade e características inerentes ao seu local de origem. Essas características podem ser resultado de conhecimentos ou processos tradicionais transmitidos intergeracionalmente em um determinado território (Brasil, 1996; Bruch; Vitrolles; Favero, 2014). Trata-se de um instrumento de promoção e salvaguarda do patrimônio cultural, aderente à preservação ambiental, que gera responsabilidade social e contribui para o desenvolvimento territorial (Reis, 2015). Em alguns casos, o conhecimento é de domínio público, não havendo condições de impedir seu uso ou apropriação indevida por terceiros.

A legislação que trata da IG é a Lei nº 9.279/1996, conhecida como Lei da Propriedade Industrial (LPI), especialmente em seus artigos 176 a 182, nos quais constam as definições e modalidades de proteção: Indicação de Procedência (IP) e Denominação de Origem (DO) (Brasil, 1996).

A IP diz respeito ao nome geográfico de país, cidade, região ou localidade de seu território que tenha se tornado conhecido como centro de extração, produção ou fabricação de determinado produto ou prestação de serviço. Por outro lado, a DO refere-se ao nome geográfico de país, cidade, região ou localidade de seu território que designe produto ou serviço cujas qualidades ou características sejam inerentes ao meio geográfico, incluindo fatores naturais e/ou humanos (Brasil, 1996).

O reconhecimento de uma IG pode gerar benefícios multidimensionais para os territórios produtores. No âmbito social, contribui para o fortalecimento da identidade, para o aumento da confiança entre consumidores e produtores e para a promoção do desenvolvimento local. No aspecto ambiental, incentiva a preservação da biodiversidade, a conservação dos recursos naturais e a manutenção das características ambientais que conferem singularidade aos produtos. Sob a perspectiva econômica, favorece a diferenciação da produção, a agregação de valor, o acesso a mercados especializados, o aumento da renda dos produtores e o estímulo ao turismo associado ao patrimônio cultural e produtivo da região (Medeiros; Passador; Passador, 2016; Török et al., 2020; Medeiros; Raiher; Passador, 2021; Dallabrida, 2026).

Atualmente, existem diversos setores de apoio às IGs, como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), os Institutos de Ensino Superior (IES) e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), entre outros. Embora seu uso no Brasil seja relativamente recente em comparação à Europa, as IGs vêm apresentando crescimento significativo no país. Até 28 de maio de 2026, existiam 130 IP, sendo 129 nacionais e 1 estrangeira. Já as DO totalizavam 43, dos quais 33 eram nacionais e 10 estrangeiras (INPI, 2026).

O guaranzeiro, cujo nome científico é *Paullinia cupana*, é uma espécie de cipó arbustivo e trepadeira. O guaraná é um produto originário da região amazônica, encontrado no Brasil e na Venezuela, principalmente no município de Maués, que possui tradição no cultivo e na produção da planta pelos indígenas Maués. Em termos globais, o Brasil é o único país do mundo que produz guaraná em escala mundial (Schimpl et al., 2013; Marques et al., 2019; Sampaio et al., 2026).

O chá do guaraná é utilizado há séculos pelos nativos amazônicos, principalmente para reduzir a fome e auxiliar na perda de peso. O padre João Felipe Bettendorf, em 1664, relatou que, no período anterior à colonização, os indígenas Sateré-Mawé (filhos do guaraná) utilizavam o fruto para produzir uma bebida com poder estimulante (Schimpl et al., 2013; Marques et al., 2019).

O termo “guaraná” é oriundo da palavra indígena *uaranã*, que significa “olho de gente”, pois o fruto, quando aberto, apresenta semelhança com o olho humano (Silva, 2016; Baqueiro et al., 2023). Quando maduro, o fruto apresenta coloração vermelha, polpa branca e sementes pretas.

O guaraná é utilizado no setor de bebidas para a fabricação de refrigerantes. Já no setor de cosméticos, é empregado no tratamento de pele oleosa e celulite. Também é usado na indústria farmacêutica para a produção de xaropes — produtos de indústrias com elevado nível tecnológico e de capitalização —, além de sucos, pó (grão torrado e moído),

bastões (guaraná em rama triturado e pilado, moldado em formato de bastão, seco e defumado), cosméticos, sabões, xampus, entre outros produtos. As etapas de beneficiamento tradicional são fermentação, despolpamento, lavagem, torrefação, trituração, panificação e defumação (Silva, 2016; Sampaio et al., 2026).

As principais propriedades medicinais do guaraná são: adstringente, afrodisíaca, antibacteriana, antidepressiva, antidiarreica, diaforética, diurética, estimulante e vasodilatadora. Pode ser preparado como chá, bebida energética, extrato e nutrição funcional (Marques, 2016; Soares Filho, 2022).

O guaraná é utilizado para combater diarreia, dor de cabeça, enxaqueca, fadiga, câibra, cólicas, neuralgia, obesidade e paralisia. Em sua composição, encontram-se cafeína, proteínas, ferro, amido, açúcares, potássio, tanino, teofilina, fósforo, cálcio, tamina, teobromina, guaranina, saponina e vitamina A (Marques, 2016).

A partir da década de 1970, o cultivo do guaraná expandiu-se para todo o Brasil, principalmente para a Bahia, que atualmente é o maior produtor do país (Marques et al., 2019; Sampaio et al., 2026).

Na Bahia, sua introdução ocorreu no Território de Identidade Baixo Sul, composto pelos municípios de Aratuípe, Cairu, Camamu, Gandu, Ibirapitanga, Igrapiúna, Ituberá, Jaguaripe, Nilo Peçanha, Piraí do Norte, Presidente Tancredo Neves, Taperoá, Teolândia, Valença e Wenceslau Guimarães. A economia agrícola da região possui forte base na agricultura familiar, destacando-se o cultivo de cravo, piaçava, guaraná e dendê (Sampaio et al., 2026).

O guaraná adaptou-se naturalmente à região em decorrência das condições edafoclimáticas, como índice pluviométrico, umidade relativa do ar, temperatura e fertilidade do solo, principalmente no município de Taperoá. As técnicas agrícolas utilizadas nessa região contribuíram para uma maior produtividade quando comparado à região amazônica. A produção regional é direcionada às indústrias de bebidas instaladas na região e à exportação para outros países (Silva, 2016; Baqueiro et al., 2023).

As diferenças entre o guaraná produzido na Bahia e o produzido no Amazonas são significativas. O guaraná baiano apresenta maior teor de cafeína, catequina e epicatequina em sua composição. Por outro lado, o guaraná amazônico possui como principais componentes os ácidos graxos (Silva, 2016).

O guaraná da Amazônia é produzido de forma artesanal, sendo a secagem realizada em fornos. Por essa razão é preferido pelas indústrias de refrigerantes e farmacêuticas importadoras de extratos. Em contrapartida, o guaraná baiano apresenta secagem natural ao sol (Marques, 2016; Lima, 2019; Sampaio et al., 2026).

O território de Maués possui o clima equatorial, com solos férteis que favorecem o cultivo do guaraná (Dias; de Jesus; Martins, 2025).

O objetivo do presente trabalho é verificar se o reconhecimento da IG do guaraná de Maués contribui para ganhos econômicos.

## **Metodologia**

A metodologia aplicada caracterizou-se como descritiva, tendo como meio investigativo a pesquisa bibliográfica, com a utilização de literatura especializada, bases de dados confiáveis e fontes secundárias (Gil, 2019).

O presente estudo foi realizado a partir de uma revisão bibliográfica, abordando inicialmente conteúdos relacionados ao guaraná, sua origem e sua importância para o desenvolvimento econômico. Também foi incluído um estudo relacionado à Indicação Geográfica.

O caráter da pesquisa foi exploratório, pois teve a finalidade de proporcionar maior familiaridade com o problema investigado, colaborando para o aperfeiçoamento das ideias e permitindo, dessa forma, um entendimento mais amplo dos diversos aspectos referentes ao tema estudado (Gil, 2019).

Utilizou-se a abordagem qualitativa, considerando a finalidade do presente estudo, que teve como propósito o aprofundamento das interpretações relacionadas ao objeto de pesquisa, permitindo uma compreensão mais ampla dos aspectos relativos ao tema pesquisado (Gil, 2019).

A coleta de dados secundários consistiu em pesquisa bibliográfica, por meio da consulta à legislação vigente, literatura acadêmica, materiais disponíveis sobre o tema e sites institucionais, como o do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI). A pesquisa bibliográfica foi elaborada com o auxílio de materiais já publicados e disponíveis para consulta (Gil, 2019). O material usado foi do tipo impresso e virtual, incluindo livros, revistas, artigos científicos, anais de eventos e trabalhos de conclusão de curso (teses, dissertações e monografias) (Lakatos, Marconi, 1992).

Também foram consultados documentos provenientes da EMBRAPA, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre outras fontes relevantes. A estruturação das etapas da pesquisa pode ser observada no Quadro 1.

Quadro 1 Etapas metodológicas da pesquisa.

| Etapa                                      | Descrição                                                                              | Procedimentos                                                                                                             | Fontes de dados                                                                                          |
|--------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1 – Definição do problema e objetivos      | Delimitação do tema e formulação da questão de pesquisa                                | Formulação da problemática, definição dos objetivos geral e específicos e delimitação espacial e temática da pesquisa     | Literatura acadêmica, documentos institucionais e legislação relacionada à IG                            |
| 2 – Revisão bibliográfica                  | Levantamento teórico sobre o objeto de estudo                                          | Consulta e análise de livros, artigos científicos, anais de eventos, legislação vigente e trabalhos de conclusão de curso | Base de dados científicas, periódicos acadêmicos, biblioteca digital, INPI, EMBRAPA e legislação federal |
| 3 – Caracterização do território           | Análise das características geográficas, históricas, socioeconômicas da área de estudo | Levantamento de dados sobre os municípios produtores e importância socioeconômica do cultivo do guaraná                   | IBGE, EMBRAPA, SEBRAE, documentos institucionais e publicações técnicas                                  |
| 4 – Análise do produto                     | Identificação das características produtivas e diferenças do guaraná                   | Levantamento sobre cultivo, produtividade                                                                                 | IBGE, literatura especializada                                                                           |
| 5 – Síntese e interpretação dos resultados | Integração das informações obtidas                                                     | Sistematização dos dados bibliográficos e análise crítica das informações relacionadas ao guaraná e à IG                  | Dados obtidos na revisão bibliográfica e em documentos institucionais                                    |
| 6 – Conclusões e recomendações             | Elaboração das conclusões da pesquisa e indicação de perspectivas futuras              | Apresentação das conclusões sobre a relevância da IG para o desenvolvimento territorial e sugestões para estudos futuros  | Resultados da pesquisa e interpretação dos dados analisados                                              |

Fonte: Elaborada pelos autores (2026)

## Resultados e Discussão

A produção de guaraná em 2024 demonstra forte concentração em poucos municípios, com destaque absoluto para Maués, reconhecido em 2018 com a IG do guaraná pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI). O selo distintivo de IG consolidou o município como referência nacional em qualidade, tradição e identidade territorial do produto.

Em 2024, os seis maiores produtores apresentam o panorama observado no Quadro 2.

Maués atingiu seu maior valor de produção em 2024, retornando à liderança em volume entre os seis maiores produtores. O Quadro 2 representa uma fotografia recente e relevante para avaliar o impacto consolidado da IG.

O destaque absoluto em termos de valor de produção é Maués, que faturou mais do que os outros cinco municípios juntos, com uma diferença de R\$ 2,7 milhões.

Quadro 2 Panorama dos maiores produtores de guaraná.

| Município         | Produção (t) | Valor da produção (x1000 R\$) | Área plantada (ha) | Área colhida (ha) | Rendimentos (kg/ha) |
|-------------------|--------------|-------------------------------|--------------------|-------------------|---------------------|
| Maués – AM        | 444          | 22.000                        | 2.250              | 2.220             | 200                 |
| Ituberá - BA      | 383          | 3.778                         | 1.140              | 1.140             | 336                 |
| Taperoá – BA      | 302          | 4.582                         | 1.078              | 1.078             | 280                 |
| Valença – BA      | 289          | 5.124                         | 1.000              | 1.000             | 289                 |
| Camamu – BA       | 193          | 3.778                         | 770                | 770               | 251                 |
| Nilo Peçanha – BA | 126          | 2.046                         | 315                | 315               | 400                 |

Fonte: Autoria própria, com base em dados do IBGE (2026).

Maués apresentou o menor rendimento entre os seis municípios, configurando-se como o destaque negativo nesse indicador. O município possui a menor área colhida, correspondendo a 34% do total, mas produz apenas 28% do volume total, em razão de sua baixa produtividade.

Nilo Peçanha apresentou a maior produtividade (400 kg/ha), embora possua uma área reduzida, equivalente a 5% do total. Caso Maués apresentasse o mesmo rendimento, sua produção teria sido o dobro da atual.

O guaraná de Maués é comercializado a um preço entre 2,5 e 5 vezes superior aos concorrentes. Embora Maués apresente menor eficiência produtiva, em razão do baixo rendimento, é o município mais lucrativo em termos de valor de produção. Esse resultado pode estar associado, entre outros fatores, ao reconhecimento da IG e à diferenciação de origem do produto, aspectos que podem favorecer a agregação de valor e preços superiores aos do mercado convencional.

A diferenciação de preço pode ser observada no Quadro 3.

Quadro 3 Fatores de diferenciação do preço do guaraná de Maués.

| Fator                     | Maués                                       | Concorrentes        |
|---------------------------|---------------------------------------------|---------------------|
| Indicação Geográfica      | Sim (desde 2018)                            | Não                 |
| Diferenciação de mercado  | Produto premium, rastreável. Amazônico      | Commodity           |
| Canais de comercialização | Mercados institucionais, gourmet, orgânicos | Mercado tradicional |
| Percepção de qualidade    | Associado à origem e tradição               | Genérico            |

Fonte: Autoria própria (2026).

O reconhecimento do produto gera uma marca regional, permitindo que Maués capture um prêmio de preço que nenhum concorrente consegue alcançar.

Em termos de eficiência, ao comparar à área colhida com o valor da produção - isto é, a relação entre a área colhida e o valor gerado pela produção – observa-se que para gerar R\$ 1 milhão, Maués necessita apenas de 101 hectares. Por outro lado, Ituberá precisa de 302 hectares, quase o triplo da área, o que demonstra maior eficiência econômica, embora não física, no período analisado.

Portanto, os dados indicam uma mudança relevante no desempenho econômico de Maués no período posterior ao reconhecimento da IG. Apesar de apresentar a menor produtividade física entre os seis maiores produtores, o município lidera em volume de produção, devido a maior área cultivada, e domina amplamente em valor de produção, em razão do preço mais elevado por kg, favorecido pelo selo IG. Como resultado, um único município faturou mais do que os outros cinco concorrentes juntos.

Essa condição demonstra que, com o reconhecimento como IG, não é necessário ser o mais produtivo para ser o mais lucrativo, revelando que a origem do produto pode agregar mais valor do que a própria quantidade produzida.

A produção do guaraná nos principais municípios pode ser observada no Quadro 4.

Quadro 4 – Quantidade produtiva (t).

| Ano               | Município   |               |               |               |              |                    |
|-------------------|-------------|---------------|---------------|---------------|--------------|--------------------|
|                   | Maués<br>AM | Ituberá<br>BA | Taperoá<br>BA | Valença<br>BA | Camamu<br>BA | Nilo Peçanha<br>BA |
| 2010              | 911         | 632           | 660           | 312           | 345          | 272                |
| 2011              | 371         | 697           | 749           | 359           | 372          | 291                |
| 2012              | 384         | 600           | 640           | 320           | 378          | 266                |
| 2013              | 300         | 600           | 640           | 320           | 378          | 266                |
| 2014              | 370         | 600           | 640           | 320           | -            | 266                |
| 2015              | 329         | 600           | 640           | 320           | 378          | 266                |
| 2016              | 319         | 600           | 640           | 359           | 378          | 266                |
| 2017              | 392         | 500           | 260           | 198           | 100          | 90                 |
| 2018              | 240         | 468           | 285           | 250           | 139          | 102                |
| 2019              | 331         | 420           | 330           | 260           | 154          | 110                |
| 2020              | 391         | 376           | 319           | 250           | 231          | 104                |
| 2021              | 299         | 480           | 351           | 272           | 217          | 104                |
| 2022              | 344         | 499           | 337           | 272           | 206          | 100                |
| 2023              | 200         | 407           | 311           | 279           | 222          | 106                |
| 2024              | 444         | 383           | 302           | 289           | 193          | 126                |
| Média             | 375         | 524           | 474           | 292           | 193          | 182                |
| Média (2010-2017) | 422         | 604           | 609           | 314           | 333          | 248                |
| Média (2019-2024) | 335         | 428           | 325           | 270           | 204          | 108                |

Fonte: Autoria própria, com base em dados do IBGE (2026).

## **Maués Antes e Depois da Indicação Geográfica (2010-2024)**

A evolução da produção de guaraná em Maués revela mudanças importantes após o reconhecimento da IG em 2018.

No período pré-IG (2010-2017), observa-se um pico de produção em 2010, com 911 t, representando um ano excepcionalmente elevado. A média do período, desconsiderando o ano de 2010, foi de aproximadamente 352 t/ano. Após 2010, verificou-se uma queda brusca de 911 para 371 t em 2011, sem retorno aos patamares anteriores ao longo dos anos seguintes. Em 2017, ocorreu uma leve recuperação, com produção aproximada de 392 t. A maior oscilação negativa em comparação a 2010 ocorreu em 2013, representando uma redução de aproximadamente 67,1%.

O ano de 2018, marcado pelo reconhecimento do guaraná de Maués como IG, também registrou a menor produção da série histórica até então, com apenas 240 t. Existem diversas possíveis causas para esse cenário, como a transição para os padrões exigidos pela IG ou mesmo uma queda natural do ciclo produtivo, semelhante ao observado em anos anteriores.

No período pós-IG (2019-2024), observou-se uma recuperação gradual da produção, alcançando 331 t em 2019 e 391 t em 2020. Entretanto, ocorreram novas quedas em 2021 (299 t) e em 2023 (200 t), sendo este último o pior resultado da série no período pós-IG. Em 2024, registrou-se forte recuperação, com produção de 444 t, representando o maior volume produtivo pós-2010 e superando os níveis observados no período pré-IG, com exceção de 2010. A média pós-IG foi de aproximadamente 335 t anuais.

Os resultados observados indicam que a IG não provocou aumento imediato da produção. Pelo contrário, o ano de reconhecimento registrou o menor volume até então. Esse comportamento pode ser considerado comum, uma vez que o reconhecimento exige adequações produtivas, rastreabilidade e adoção de práticas mais rigorosas, fatores que podem reduzir a oferta no curto prazo.

A partir de 2020, observam-se sinais de valorização do produto, embora a produção ainda apresente instabilidade. As oscilações entre 200 e 444 t demonstram possíveis vulnerabilidades relacionadas às condições climáticas ou ao manejo.

O ano de 2024 destaca-se como o melhor resultado do período pós-IG, o que pode indicar maior adaptação dos produtores às exigências do reconhecimento e maior interesse de compradores pelo produto diferenciado.

Portanto, a IG não reverteu imediatamente a tendência de queda de produção pós-2010. Contudo, os resultados de 2024 sugerem um possível efeito positivo tardio. Além

disso, fatores externos, como clima, preços de mercado e políticas locais, parecem exercer influência tão ou mais relevante do que a IG analisada de forma isolada.

## **comparação com outros Municípios Mais Produtivos do Brasil**

A comparação com outros municípios produtores permite realizar uma análise comparativa em relação à IG de Maués.

Entre 2010 e 2024, Ituberá apresentou a maior média de produção, com aproximadamente 524 t, enquanto Maués registrou média de 375 t. Observa-se que, no período pós-IG, nenhum município apresentou crescimento médio da produção, indicando um declínio geral da produção de guaraná nesses polos produtivos. Esse cenário pode estar relacionado a fatores naturais, à concorrência com outras culturas mais rentáveis ou à falta de renovação de pomares.

A menor média de redução da produção foi observada em Valença, com aproximadamente 16%, seguido de Maués, com redução de cerca de 26%.

A IG não impediu a queda da produção em Maués, mas contribuiu para amortecer a redução em comparação aos concorrentes diretos. Esse resultado pode estar relacionado às condições ambientais mais favoráveis do município, além de possível menor impacto de secas e pragas em relação aos demais produtores.

Entre 2011 e 2016, os municípios de Ituberá e Taperoá lideravam a produção com ampla vantagem, mas apresentaram forte queda a partir de 2017. Em 2024, Maués retomou a liderança, enquanto os municípios concorrentes registraram produção moderada.

## **Valor da Produção**

O valor da produção (em mil R\$) permite uma interpretação mais adequada para a análise do desenvolvimento econômico da produção do guaraná.

Os valores nominais apresentados não foram corrigidos pelos índices de inflação para atualização monetária aos valores atuais. A tabela com os valores da produção pode ser observada no Quadro 5.

Quadro 5 Valor da produção (em mil R\$).

| Ano               | Município   |               |               |               |              |                    |
|-------------------|-------------|---------------|---------------|---------------|--------------|--------------------|
|                   | Maués<br>AM | Ituberá<br>BA | Taperoá<br>BA | Valença<br>BA | Camamu<br>BA | Nilo Peçanha<br>BA |
| 2010              | 7288        | 3792          | 3960          | 1872          | 2076         | 1652               |
| 2011              | 3710        | 3972          | 4269          | 2046          | 2120         | 1658               |
| 2012              | 2760        | 4200          | 4480          | 2240          | 2646         | 1862               |
| 2013              | 5400        | 4230          | 4512          | 2256          | 2665         | 1875               |
| 2014              | 8140        | 4548          | 4851          | 2426          | -            | 2016               |
| 2015              | 7403        | 4548          | 4851          | 2426          | 2865         | 2016               |
| 2016              | 6580        | 4548          | 4851          | 2579          | 2691         | 2016               |
| 2017              | 6664        | 4000          | 2103          | 1624          | 600          | 645                |
| 2018              | 4320        | 3650          | 1938          | 1750          | 973          | 755                |
| 2019              | 7878        | 4620          | 3630          | 2860          | 1694         | 1210               |
| 2020              | 9501        | 3948          | 3350          | 2625          | 2426         | 1092               |
| 2021              | 6279        | 7680          | 4496          | 3484          | 2757         | 1420               |
| 2022              | 11008       | 8623          | 4533          | 3763          | 2984         | 1365               |
| 2023              | 10000       | 5372          | 3932          | 4130          | 3505         | 1484               |
| 2024              | 22200       | 6218          | 4582          | 5134          | 3778         | 2046               |
| Média             | 7942        | 4930          | 4023          | 2748          | 2413         | 1539               |
| Média (2010-2017) | 5993        | 4230          | 4235          | 2184          | 2238         | 1715               |
| Média (2019-2024) | 11144       | 6077          | 4087          | 3666          | 2857         | 1436               |

Fonte: Autoria própria (2026).

## Produção em Maués

O preço do guaraná apresentou forte valorização no período pós-IG. No período pré-IG a média do valor da produção foi de aproximadamente R\$ 5,993 milhões, enquanto a média do preço por produção foi de cerca de R\$ 14,00/kg. No período pós-IG, a média do valor da produção passou para aproximadamente R\$ 11,144 milhões, e a média do preço por produção atingiu cerca de R\$ 21,00/kg. A média do valor da produção foi de aproximadamente R\$ 7,942 milhões e a média do preço por produção representou cerca de R\$ 33,00/kg. Apesar da redução do volume médio de produção, o preço médio no período pós-IG aumentou cerca de 86%.

Em 2023, ano que apresentou a menor produção da série histórica, o valor da produção permaneceu elevado, em torno de R\$ 10 milhões, em razão do aumento do preço do produto. Já em 2024, a elevada produção (444 t), combinada ao preço recorde, resultou em faturamento de aproximadamente R\$ 22,2 milhões, representando o maior valor histórico da série analisada.

No período posterior ao reconhecimento da IG, a valorização econômica do produto foi superior à variação do volume produzido, indicando aumento do valor gerado mesmo com menor produção média.

Antes da IG, o valor da produção dependia fortemente do volume produzido. Em 2018, embora o volume tenha sido reduzido, o preço já se encontrava acima da média. No período pós-IG, os preços atingiram patamares mais elevados, principalmente a partir de 2022. Em 2024, o valor da produção foi superior à soma dos quatro anos anteriores.

Portanto, a IG não reverteu a queda de volume de produção em Maués, que apresentou redução média de aproximadamente 10%, mas coincidiu com uma transformação expressiva nos preços do produto. O valor da produção quase dobrou, com crescimento aproximado de 86%, mesmo diante da redução da quantidade produzida. Em 2024, a combinação entre boa safra e preço recorde permitiu que Maués atingisse o maior faturamento da série histórica, superando amplamente o pico produtivo de 2010.

Do ponto de vista econômico, o período posterior ao reconhecimento do produto como IG foi marcado por aumento significativo do valor da produção, mesmo com o volume estável ou em leve queda.

Entretanto, a dependência da valorização do preço constitui um fator de risco, uma vez que, caso o mercado deixe de pagar preços diferenciados pelo produto reconhecido como IG, haverá impacto direto sobre a renda dos produtores. Dessa forma, torna-se necessária a manutenção da diferenciação, da qualidade e da reputação do produto.

## **Panorama Geral dos Seis Maiores Produtores**

O valor da produção dos seis maiores municípios produtores de guaraná do Brasil em 2024 permite comparar o desempenho econômico de Maués com os seus principais concorrentes.

O município de Maués apresentou o maior crescimento absoluto e relativo, sendo o único que quase dobrou o faturamento médio, com crescimento de aproximadamente 86%. Entre os municípios analisados, apenas Taperoá e Nilo Peçanha não registraram crescimento.

Maués, isoladamente, faturou mais do que os outros cinco municípios juntos, com uma diferença aproximada de R\$ 442 mil.

Em 2024, Maués respondeu por mais da metade do valor total produzido pelos seis maiores polos produtores. Em 2010, sua participação correspondia a cerca de 35%. Dessa forma, a IG coincidiu com um ganho superior a 15 pontos percentuais na participação do valor do total produzido.

No período posterior à IG, observa-se em Maués maior dissociação entre o preço e o volume produzido. Enquanto os demais municípios competiam com base em preços de

commodity, Maués passou a comercializar um produto diferenciado, com rastreabilidade e origem protegida.

Portanto, no período posterior ao reconhecimento da IG, Maués apresentou expressiva valorização do produto e consolidou-se como o principal polo econômico entre os municípios analisados. Antes da IG, Maués já possuía relevância econômica, representando cerca de 35% do valor produzido pelos seis municípios analisados. Após a IG, tornou-se dominante, alcançando 50,5% em 2024, com faturamento 83% superior ao do segundo colocado, Ituberá.

## Área Destinada, Área Colhida e Rendimento

As variáveis área destinada à colheita, área colhida e rendimento possuem relações intrínsecas e evidenciam o impacto da IG de Maués concedida em 2018.

A área destinada à colheita representa a intenção de produção relacionada ao plantio e à manutenção da cultura. Já a área colhida representa a execução efetiva da colheita. Por sua vez, o rendimento médio corresponde à produtividade associada às condições do solo e ao manejo. Os Quadros 6, 7 e 8 apresentam a evolução dessas variáveis no período entre 2010 e 2024.

Quadro 6 Área destinada a colheita (ha).

| Ano               | Município   |               |               |               |              |                    |
|-------------------|-------------|---------------|---------------|---------------|--------------|--------------------|
|                   | Maués<br>AM | Ituberá<br>BA | Taperoá<br>BA | Valença<br>BA | Camamu<br>BA | Nilo Peçanha<br>BA |
| 2010              | 4640        | 1580          | 1650          | 780           | 865          | 680                |
| 2011              | 4700        | 1585          | 1665          | 798           | 885          | 692                |
| 2012              | 4700        | 1500          | 1600          | 800           | 900          | 700                |
| 2013              | 4700        | 1500          | 1600          | 800           | 900          | 700                |
| 2014              | 2610        | 1500          | 1600          | 800           | -            | 700                |
| 2015              | 2700        | 1500          | 1600          | 800           | 900          | 700                |
| 2016              | 2700        | 1500          | 1600          | 798           | 900          | 700                |
| 2017              | 2800        | 1200          | 1368          | 979           | 750          | 300                |
| 2018              | 2400        | 1200          | 1100          | 1000          | 770          | 310                |
| 2019              | 2110        | 1200          | 1100          | 1000          | 770          | 315                |
| 2020              | 2450        | 1140          | 1100          | 1000          | 770          | 315                |
| 2021              | 2300        | 1200          | 1100          | 1030          | 762          | 302                |
| 2022              | 3000        | 1188          | 1111          | 1061          | 747          | 293                |
| 2023              | 2250        | 1140          | 1100          | 1029          | 710          | 315                |
| 2024              | 2250        | 1140          | 1100          | 1029          | 710          | 315                |
| Média             | 3087        | 1338          | 1358          | 912           | 814          | 489                |
| Média (2010-2017) | 3946        | 1483          | 1585          | 819           | 871          | 647                |
| Média (2019-2024) | 2393        | 1168          | 1098          | 1020          | 755          | 309                |

Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 7 Área colhida (ha)

| Ano               | Município   |               |               |               |              |                    |
|-------------------|-------------|---------------|---------------|---------------|--------------|--------------------|
|                   | Maués<br>AM | Ituberá<br>BA | Taperoá<br>BA | Valença<br>BA | Camamu<br>BA | Nilo Peçanha<br>BA |
| 2010              | 4640        | 1580          | 1650          | 780           | 865          | 680                |
| 2011              | 1485        | 1585          | 1665          | 798           | 885          | 692                |
| 2012              | 2400        | 1500          | 1600          | 800           | 900          | 700                |
| 2013              | 4700        | 1500          | 1600          | 800           | 900          | 700                |
| 2014              | 2610        | 1500          | 1600          | 800           | -            | 700                |
| 2015              | 2700        | 1500          | 1600          | 800           | 900          | 700                |
| 2016              | 2700        | 1500          | 1600          | 798           | 900          | 700                |
| 2017              | 2800        | 1200          | 1368          | 979           | 750          | 300                |
| 2018              | 2400        | 1200          | 1100          | 1000          | 770          | 310                |
| 2019              | 2110        | 1200          | 1100          | 1000          | 770          | 315                |
| 2020              | 2450        | 1140          | 1100          | 1000          | 770          | 315                |
| 2021              | 2300        | 1200          | 1100          | 1030          | 762          | 302                |
| 2022              | 2645        | 1188          | 1111          | 1061          | 747          | 293                |
| 2023              | 2220        | 1140          | 1100          | 1029          | 710          | 315                |
| 2024              | 2220        | 1140          | 1078          | 1029          | 710          | 315                |
| Média             | 2539        | 1338          | 1358          | 912           | 814          | 489                |
| Média (2010-2017) | 2717        | 1483          | 1585          | 819           | 871          | 647                |
| Média (2019-2024) | 2324        | 1168          | 1098          | 1020          | 755          | 309                |

Fonte: Autoria própria (2026).

Quadro 8 Rendimento médio (kg/ha).

| Ano               | Município   |               |               |               |              |                    |
|-------------------|-------------|---------------|---------------|---------------|--------------|--------------------|
|                   | Maués<br>AM | Ituberá<br>BA | Taperoá<br>BA | Valença<br>BA | Camamu<br>BA | Nilo Peçanha<br>BA |
| 2010              | 196         | 400           | 400           | 400           | 400          | 400                |
| 2011              | 249         | 439           | 449           | 449           | 420          | 420                |
| 2012              | 160         | 400           | 400           | 400           | 420          | 380                |
| 2013              | 125         | 400           | 400           | 400           | 420          | 380                |
| 2014              | 142         | 400           | 400           | 400           | -            | 380                |
| 2015              | 122         | 400           | 400           | 400           | 420          | 380                |
| 2016              | 122         | 400           | 400           | 450           | 420          | 380                |
| 2017              | 140         | 417           | 190           | 202           | 133          | 300                |
| 2018              | 100         | 390           | 259           | 250           | 181          | 329                |
| 2019              | 157         | 350           | 300           | 260           | 200          | 349                |
| 2020              | 160         | 330           | 290           | 250           | 300          | 330                |
| 2021              | 130         | 400           | 319           | 264           | 285          | 344                |
| 2022              | 130         | 420           | 303           | 256           | 276          | 341                |
| 2023              | 90          | 357           | 283           | 271           | 313          | 337                |
| 2024              | 200         | 336           | 280           | 289           | 251          | 400                |
| Média             | 148         | 389           | 338           | 329           | 317          | 363                |
| Média (2010-2017) | 157         | 407           | 380           | 388           | 376          | 378                |
| Média (2019-2024) | 145         | 366           | 296           | 265           | 271          | 350                |

Fonte: Autoria própria (2026)

## Área Destinada à Colheita Em Maués

Antes da IG, no período entre 2011 e 2013, o município mantinha cerca de 4.700 ha destinados à colheita, mas nem sempre toda essa área era efetivamente colhida. Ou seja, havia grande ociosidade, com apenas 32% a 51% da área destinada sendo utilizada para a colheita. Diversos fatores podem explicar essa situação, como falta de mão de obra, abandono de plantações antigas ou registros de área total sem distinção entre áreas aptas e improdutivas.

Em 2024, a área destinada à colheita foi reduzida para 2.250 ha, indicando provável encerramento de ciclos de plantios antigos, migração para outras culturas ou revisão metodológica dos dados.

No período pós-IG, a área destinada estabilizou-se em torno de 2.300 a 2.400 ha, representando redução de aproximadamente 38% em relação à média do período pré-IG (3.946 ha).

O menor percentual entre a área destinada para o plantio e a área efetivamente colhida (32%) ocorreu em 2011, com diferença de 3.215 ha.

A partir de 2014, as duas áreas passaram a se equivaler (100% colhido), com exceção de 2022 (88%). Esse comportamento sugere mudança metodológica ou gestão mais realista do cadastro produtivo.

## Rendimento Médio

O recorde histórico de rendimento ocorreu em 2011, com 249 kg/ha. O pior resultado da série foi registrado em 2023, com apenas 90 kg/ha. No período pós-IG, o melhor desempenho ocorreu em 2020, com rendimento de 200 kg/ha.

O rendimento médio do período pré-IG foi de 157 kg/ha, servindo como referência para avaliar a evolução da produtividade ao longo do tempo. Em 2018, ano de reconhecimento da IG, o rendimento médio foi de 100 kg/ha, representando redução de aproximadamente 38%.

No período pós-IG, o rendimento médio foi de 145 kg/ha, indicando queda de cerca de 8% em relação ao período pré-IG. Esses resultados demonstram que o reconhecimento como IG não aumentou a produtividade média, ocorrendo, inclusive, leve redução. O ano de 2023 foi particularmente crítico, com rendimento de apenas 90 kg/ha, o pior da série histórica, o que explica, em parte, o baixo volume produzido (200 t), mesmo com relativa estabilidade da área colhida.

Em 2024, o rendimento médio atingiu 200 kg/ha, representando crescimento de aproximadamente 27% em relação à média do período pré-IG. Esse resultado corresponde ao segundo melhor desempenho da série histórica, sendo superado apenas por 2011. Associado a uma área colhida de 2.220 ha, esse rendimento contribuiu para a produção de 444 t.

O rendimento variou de 90 a 249 kg/ha ao longo da série histórica, indicando forte dependência de fatores climáticos, manejo produtivo ou ciclos bienais do guaranazeiro.

Em 2018, o rendimento foi muito baixo (100 kg/ha), possivelmente em razão do período de transição, no qual os produtores precisam se adaptar às novas exigências de certificação da IG.

O volume produzido pode ser calculado pela seguinte fórmula:

$$\text{Volume (t)} = (\text{Área colhida} \times \text{Rendimento}) / 1.000.$$

De modo geral, a comparação entre os períodos pré-IG e pós-IG demonstra que a área destinada à colheita reduziu aproximadamente 39%, a área colhida diminuiu cerca de 14%, o rendimento médio caiu 8% e o percentual da área destinada efetivamente colhida aumentou 28 pontos percentuais.

Portanto, a IG não impediu a redução da área cultivada. Pelo contrário, a área continuou diminuindo, sugerindo que fatores estruturais, como êxodo rural, envelhecimento de pomares ou mudanças no perfil das culturas agrícolas, exerceram maior influência do que a própria certificação.

A relação entre área destinada e área colhida aumentou de 69% para 97%, indicando possível abandono de áreas improdutivas anteriormente registradas como destinadas à produção; maior profissionalização dos produtores após a IG e mudanças metodológicas na coleta dos dados.

A produtividade média caiu ligeiramente de 157 para 145 kg/ha (-8%). Entre as possíveis causas estão as exigências da IG, como adoção de práticas mais sustentáveis e redução do uso de insumos químicos, fatores que podem diminuir o rendimento no curto prazo; condições climáticas adversas em alguns anos; e envelhecimento dos guaranazais sem renovação adequada.

A volatilidade do rendimento aumentou, uma vez que o coeficiente de variação passou de 25% (pré-IG) para 28% (pós-IG), com extremos mais acentuados, variando entre 90 e 200 kg/ha.

Em todos os aspectos, 2024 foi um ano emblemático para o guaraná de Maués, apresentando redução de 6% na área destinada, redução de 4% na área colhida, aumento de 38% no rendimento e crescimento de 33% no volume produzido em relação à média do período pós-IG. Esses resultados indicam que é possível alcançar alta produtividade, estabilizar a área e crescer o valor da produção.

Portanto, a IG de Maués não reverteu a tendência de redução da área plantada e nem aumentou a produtividade média. Contudo, trouxe maior transparência ao cadastro produtivo, permitindo maior equivalência entre a área destinada e a área efetivamente colhida. Além disso, em anos de bom rendimento, possibilitou o alcance de recordes históricos de produção e faturamento. O principal desafio no período pós-IG consiste em estabilizar a produtividade em níveis elevados e reverter a redução da área colhida.

## **Panorama dos Principais Produtores Nacionais**

A análise dos seis maiores municípios produtores de guaraná do Brasil em 2024, considerando os dados de área destinada, área colhida e rendimento médio no período de 2010 a 2024, permite uma comparação robusta do impacto da IG de Maués em relação aos concorrentes que não possuem IG. Os resultados podem ser observados nos Quadros 6, 7 e 8.

Os municípios concorrentes de Maués apresentam, em praticamente todos os anos, equivalência entre área destinada e área colhida, indicando maior precisão cadastral ou gestão produtiva mais eficiente. Maués somente passou a apresentar essa equivalência a partir de 2014.

Em relação à área colhida, Maués perdeu cerca de 14%, enquanto Taperoá (-31%) e Nilo Peçanha (-52%) também registraram fortes reduções. Por outro lado, Valença foi o único município que ampliou a área colhida (25%), comportamento considerado atípico e positivo.

Todos os municípios apresentaram perdas de produtividade. Maués teve uma das menores reduções (-8%), ao lado de Nilo Peçanha (-7%). Já Valença (32%) e Camamu (-28%) registraram quedas acentuadas, o que pode indicar crise fitossanitária ou efeitos climáticos adversos na região.

Taperoá perdeu 22% da produtividade, além de 31% da área cultivada, configurando situação particularmente crítica para um município que já foi o maior produtor do Brasil.

O volume produzido caiu em todos os municípios analisados. Maués apresentou a segunda menor redução (-21%), ficando atrás apenas de Valença (-14%). Em contrapartida, Taperoá (-47%) e Nilo Peçanha (-56%) praticamente colapsaram em termos produtivos.

Os rendimentos registrados em 2017 foram particularmente críticos para os municípios de Nilo Peçanha (-21%), Taperoá (53%), Valença (-55%) e Camamu (-68%). Esses resultados provavelmente estão associados à seca severa ocorrida no Sul da Bahia entre 2015 e 2016, com efeitos tardios sobre a cultura, além do envelhecimento dos pomares sem renovação adequada ou do desinvestimento na atividade, favorecendo a migração para outras culturas agrícolas.

Maués também apresentou queda em 2018, mas conseguiu recuperar-se nos anos seguintes.

Em relação à proporção entre área destinada e área efetivamente colhida, os municípios concorrentes apresentam praticamente 100% de eficiência produtiva. Já Maués, entre 2010 e 2013, possuía eficiência média de apenas 52%, demonstrando grande ociosidade. Após 2014, esse percentual aumentou para aproximadamente 98%. A IG não impactou diretamente esse indicador, uma vez que a mudança ocorreu antes de sua concessão.

A produtividade de Maués é quase metade da média observada nos demais municípios produtores. Esse resultado pode estar associado ao sistema de manejo mais extensivo em Maués, em comparação aos sistemas semi-intensivos dos outros municípios; ao menor uso de tecnologia e insumos; e às características do solo amazônico de várzea, distintas dos solos mais adaptáveis ao cultivo do guaraná em outras regiões produtoras.

Comparativamente à média dos demais municípios, Maués apresentou menor perda de área colhida (-14%), menor redução de produtividade (-8%), menor queda do volume produzido (-21%), além de expressivos ganhos no preço do produto (+114%) e forte crescimento do valor da produção (+86%).

Portanto, embora a IG não tenha tornado Maués mais produtivo fisicamente do que os demais municípios, ela contribuiu para proteger o município da queda generalizada que atingiu os outros polos produtores. Enquanto os demais municípios perderam área e produtividade em ritmo mais acelerado, Maués conseguiu estabilizar melhor seus indicadores físicos e, principalmente, apresentou expressiva valorização do produto no período posterior ao reconhecimento da IG.

## **Considerações Finais**

A presente pesquisa permitiu analisar os impactos da Indicação Geográfica (IG) do guaraná de Maués sobre aspectos produtivos e econômicos do principal polo produtor do Brasil, respondendo à problemática proposta acerca da capacidade de certificação em promover valorização territorial e desenvolvimento regional. Os resultados demonstram que, embora a IG não tenha provocado aumento imediato da produtividade ou expansão

da área cultivada, promoveu significativa agregação de valor ao produto, elevando o preço do guaraná e ampliando a renda dos produtores locais.

Os dados analisados evidenciaram que Maués consolidou-se como principal referência econômica do guaraná brasileiro após o reconhecimento da IG, alcançando participação dominante no valor total da produção nacional entre os principais municípios produtores. Mesmo diante da redução da área cultivada e da oscilação da produtividade ao longo da série histórica, o município apresentou maior capacidade de valorização econômica em comparação aos concorrentes sem certificação.

A pesquisa também demonstrou que a IG representa um importante instrumento de desenvolvimento territorial, fortalecendo a identidade regional, a rastreabilidade do produto, a preservação do saber-fazer tradicional e a valorização da biodiversidade amazônica. Nesse contexto, o estudo reforça a importância das IGs como mecanismos de inovação territorial capazes de integrar tradição, sustentabilidade e competitividade econômica.

Do ponto de vista científico, o trabalho contribui para o avanço do conhecimento sobre os efeitos econômicos e produtivos das IGs na Amazônia, especialmente em cadeias produtivas associadas à sociobiodiversidade. Além disso, apresenta aplicação prática relevante ao demonstrar que políticas de valorização territorial podem gerar impactos positivos sobre a renda dos produtores, mesmo em cenários de estabilidade ou redução da produção física.

Os resultados obtidos indicam que o principal diferencial competitivo de Maués deixou de ser apenas o volume produzido, passando a concentrar-se na reputação, qualidade e origem do produto. Assim, conclui-se que a IG agregou valor econômico ao guaraná e fortaleceu o posicionamento estratégico do município no mercado nacional e internacional.

Entretanto, os resultados também evidenciam desafios importantes, como a redução da área cultivada, a volatilidade da produtividade e a dependência da valorização de preços para manutenção da renda dos produtores. Esses fatores demonstram a necessidade de políticas públicas voltadas à renovação dos guaranazais, assistência técnica, sucessão rural, adaptação climática e fortalecimento da organização produtiva local.

Para pesquisas futuras, recomenda-se aprofundar estudos relacionados aos impactos sociais da IG sobre a agricultura familiar, à percepção dos consumidores sobre produtos certificados, às estratégias de comercialização do guaraná amazônico e aos efeitos das mudanças climáticas sobre a produção regional. Também se sugere investigar comparativamente outras IGs brasileiras associadas à sociobiodiversidade amazônica, permitindo compreender diferentes modelos de desenvolvimento territorial sustentável.

Por fim, o estudo reforça a relevância da inovação baseada na valorização dos recursos territoriais amazônicos, demonstrando que a Amazônia possui potencial estratégico para gerar desenvolvimento econômico sustentável por meio da integração entre conhecimento tradicional e biodiversidade, identidade cultural e mecanismos de proteção territorial, como a IG.

## Referências Bibliográficas

ALVES, M. E. F.; CARIOCA, M. F. P. **Cafeicultura no Brasil: relevância econômica e fatores que influenciam na qualidade**. 2026. 52 f. Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2026.

BAQUEIRO, A. U. P. et al. Potencial de indicação geográfica para o guaraná de Taperoá-Bahia. **Observatório de la Economía Latinoamericana**, v. 21, n. 3, p. 1422–1441, 2023.

BRASIL. Lei nº 9.279, de 14 de maio de 1996. Regula direitos e obrigações relativos à propriedade industrial. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 1996.

BRUCH, K.; VITROLLES, D.; FÁVERO, K. C. **Curso de propriedade intelectual & inovação no agro-negócio: módulo II: indicação geográfica**. 4. ed. 2014.

DA CONCEIÇÃO, V. S. et al. **Análise do processo de internacionalização da cachaça com registro de indicação geográfica**. [S. l.]: Seven Editora, 2023.

DALLABRIDA, V. R. Indicação geográfica e desenvolvimento: o enfoque territorial como diretriz e a patrimonialização e geração de renda de qualidade territorial como propósito. **Revista Comunicação Universitária**, Belém, v. 6, p. 1–18, 2026. DOI: <https://doi.org/10.69675/RCU.2763-7646.11630>.

DIAS, R. S.; DE JESUS, E. L.; MARTINS, C. A. M. G. O selo de indicação geográfica (IG) do Guaraná de Maués e o turismo local. **Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**, v. 17, n. 3, e170302, 2025.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Taperoá: histórico**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/taperoa/historico>. Acesso em: 28 maio 2026.

JANUÁRIO, J. G. B. et al. Geographical indications: comparing protection models and reviewing scientific literature on wines. **Food and Humanity**, v. 5, 100689, 2025.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LEITE, M. P. **Desafios e potenciais de espécies nativas de frutas comercializadas no mercado municipal em Humaitá-AM**. 2026. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) – Universidade Federal do Amazonas, Humaitá, 2025.

LIMA, L. S. N. H. **Guaraná pow[d]er: produção de guaraná em pó a partir do processo de spray-drying**. 2019. 83 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

MAIORKI, G. J.; DALLABRIDA, V. R. A indicação geográfica de produtos: um estudo sobre sua contribuição econômica no desenvolvimento territorial. **Interações**, Campo Grande, v. 16, n. 1, 2015.

MARQUES, L. L. M. **Investigações fitoquímicas e biológicas de extratos obtidos por tecnologia supercrítica de sementes de *Paullinia cupana* (guaraná)**. 2016. 216 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

MARQUES, L. L. M. et al. *Paullinia cupana*: a multipurpose plant – a review. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 29, n. 1, p. 77–110, 2019.

MATRAVES, C. et al. Product differentiation, turbulence and sustainability of competitive advantage. In: **Titulo volume non avalorato**. 2005.

MEDEIROS, M. L.; PASSADOR, C. S.; PASSADOR, J. L. Implications of geographical indications: a comprehensive review of papers listed in CAPES' journal database. **RAI Revista de Administração e Inovação**, v. 13, n. 4, p. 315–329, 2016.

MEDEIROS, M. L.; RAIHER, A. P.; PASSADOR, J. L. Geographical indications and their impact on territorial development: empirical evidence for Brazilian municipalities. **Studies of Applied Economics**, v. 39, n. 8, 2021.

REIS, L. L. M. **Indicação geográfica no Brasil: determinantes, limites e possibilidades**. 2015. 270 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

RETAMALES, J. B. World temperate fruit production: characteristics and challenges. **Revista Brasileira de Fruticultura**, v. 33, p. 121–130, 2011.

SAMPAIO, G. M. et al. Potential for geographical indication of Guaraná from Taperoá-Bahia: territorial, productive and socioeconomic factors. **Trees**, v. 9, p. 10, 2026.

SCHIMPL, F. C. et al. Guarana: revisiting a highly caffeinated plant from the Amazon. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 150, n. 1, p. 14–31, 2013.

SILVA, G. S. **Avaliação do perfil químico de guaraná (*Paullinia cupana*) empregando RMN, HPLC e UPLC-MS associadas a ferramentas quimiométricas visando à sua indicação geográfica**. Dissertação (Mestrado em Química) – Universidade Estadual de Santa Cruz.

SOARES FILHO, A. A. F. Uso *in natura* do guaraná (*Paullinia cupana* Kunth): estudo quantitativo no município de Maués (AM), Brasil. **Brazilian Journal of Natural Sciences**, 2022.

TÖRÖK, Á. et al. Understanding the real-world impact of geographical indications: a critical review of the empirical economic literature. **Sustainability**, v. 12, n. 22, 9434, 2020.

VIEIRA, A. C. P.; PELLIN, V. As indicações geográficas como estratégia para fortalecer o território: o caso da indicação de procedência dos Vales da Uva Goethe. **Desenvolvimento em Questão**, [S. l.], v. 13, n. 30, p. 155–174, 2015. DOI: <https://doi.org/10.21527/2237-6453.2015.30.155-174>

.

